

# ATRAVESSAMENTOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE OS IDEAIS DO CORPO E SEUS DESDOBRAMENTOS EM PADECIMENTOS ALIMENTARES: PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

CONTEMPORARY REFLECTIONS ON IDEALS OF THE BODY AND THEIR  
UNFOLDING IN EATING DISORDERS: A PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE

REFLEXIONES CONTEMPORÁNEAS SOBRE LOS IDEALES  
DEL CUERPO Y SU DESPLIEGUE EN LOS TRASTORNOS  
ALIMENTARIOS: UNA PERSPECTIVA PSICOANALÍTICA

Raíssa Frison Fraga<sup>1</sup>

Roberta Araújo Goelzer<sup>2</sup>

**Resumo:** Os transtornos alimentares têm se intensificado na contemporaneidade, especialmente entre adolescentes e jovens, inseridos em um contexto marcado pela pressão estética, pelo culto ao corpo e pela aceleração dos laços sociais. Tal cenário suscita o seguinte problema de pesquisa: de que forma os ideais culturais contemporâneos atravessam a constituição subjetiva e contribuem para o desenvolvimento de padecimentos alimentares? Este trabalho tem como objetivo refletir sobre os efeitos desses ideais na formação de diferentes transtornos alimentares sob a ótica psicanalítica, contextualizando aspectos contemporâneos, articulando contribuições teóricas da psicanálise e investigando o lugar do objeto comida na constituição do sujeito. O estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão narrativa da literatura, com levantamento bibliográfico realizado entre março e novembro de 2025 em bases como PubMed, SciELO e Google Acadêmico, além de obras psicanalíticas clássicas e contemporâneas, priorizando produções publicadas nos últimos 20 anos. Os resultados da análise teórica evidenciam que os transtornos alimentares são fenômenos multifatoriais que não se limitam a questões nutricionais ou biomédicas, constituindo-se como modos singulares de expressão do sofrimento psíquico, articulados a experiências precoces e às exigências estéticas e culturais da atualidade. Observa-se que a função do alimento ultrapassa o campo biológico, assumindo papel simbólico e relacional na organização do psiquismo, sendo o corpo frequentemente utilizado como principal via de inscrição do mal-estar. Conclui-se que a clínica psicanalítica se mostra uma via potente para a escuta desses sujeitos, permitindo a simbolização do sofrimento condensado no corpo e favorecendo a construção de novos modos de subjetivação. Os achados reforçam a necessidade de práticas clínicas sensíveis às interseções entre sujeito e cultura, contribuindo para o aprimoramento das ações terapêuticas frente aos desafios impostos pelos sintomas alimentares na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Transtornos alimentares. Psicanálise. Narcisismo. Adolescência. Corpo.

<sup>1</sup> Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Realiza formação em Infância e Adolescência com orientação psicanalítica pelo ITIPOA e Especialização em Transtornos Alimentares pelo AMBULIM (IPq-HCFMUSP). ORCID: 0009-0006-8676-9495. E-mail: raissaffraga@gmail.com

<sup>2</sup> Psicóloga e psicanalista. Doutora em Psicologia (PUCRS), Professora e membro da Comissão Coordenadora do Curso de Psicologia da PUCRS. É membro efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica e atende em consultório particular. ORCID: 0000-0002-4448-3943. E-mail: roberta.monteiro@pucrs.br

*Abstract: Eating disorders have become increasingly prevalent in contemporary society, particularly among adolescents and young adults, who are immersed in a context marked by aesthetic pressure, the cult of the body, and the acceleration of social bonds. This scenario raises the following research question: how do contemporary cultural ideals permeate subjective constitution and contribute to the development of eating disorders? This study aims to reflect on the effects of these ideals on the development of different eating disorders from a psychoanalytic perspective by contextualizing contemporary issues, articulating theoretical contributions from psychoanalysis, and investigating the role of food as an object in the constitution of the subject. The study was conducted through a narrative literature review, based on a bibliographic survey carried out between March and November 2025 in databases such as PubMed, SciELO, and Google Scholar, in addition to classical and contemporary psychoanalytic works, prioritizing publications from the last twenty years. The results of the theoretical analysis indicate that eating disorders are multifactorial phenomena that cannot be reduced to nutritional or biomedical issues, but rather constitute singular modes of expressing psychological suffering, articulated with early life experiences and the aesthetic and cultural demands of contemporary society. The findings also show that the function of food extends beyond the biological domain, assuming a symbolic and relational role in the organization of the psyche, with the body frequently serving as the primary site for the inscription of psychological distress. It is concluded that psychoanalytic clinical practice constitutes a powerful avenue for listening to these individuals, enabling the symbolization of suffering condensed in the body and fostering the construction of new modes of subjectivation. These findings reinforce the need for clinical practices that are sensitive to the intersections between subject and culture, thereby contributing to the improvement of therapeutic interventions in response to the challenges posed by eating disorders in contemporary society.*

*Keywords: Eating disorders. Psychoanalysis. Narcissism. Adolescence. Body.*

*Resumen: Los trastornos alimentarios se han intensificado en la contemporaneidad, especialmente entre adolescentes y jóvenes, inmersos en un contexto marcado por la presión estética, el culto al cuerpo y la aceleración de los vínculos sociales. Este escenario plantea el siguiente problema de investigación: ¿de qué manera los ideales culturales contemporáneos atraviesan la constitución subjetiva y contribuyen al desarrollo de los trastornos alimentarios? Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre los efectos de estos ideales en la formación de diferentes trastornos alimentarios desde una perspectiva psicoanalítica, contextualizando aspectos contemporáneos, articulando aportes teóricos del psicoanálisis e investigando el lugar del objeto alimento en la constitución del sujeto. El estudio se desarrolló mediante una revisión narrativa de la literatura, con un relevamiento bibliográfico realizado entre marzo y noviembre de 2025 en bases de datos como PubMed, SciELO y Google Scholar, además de obras psicoanalíticas clásicas y contemporáneas, priorizando producciones publicadas en los últimos 20 años. Los resultados del análisis teórico evidencian que los trastornos alimentarios son fenómenos multifactoriales que no se limitan a cuestiones nutricionales o biomédicas, constituyéndose como modos singulares de expresión del sufrimiento psíquico, articulados con experiencias tempranas y con las exigencias estéticas y culturales de la actualidad. Se observa que la función del alimento trasciende el ámbito biológico, asumiendo un papel simbólico y relacional en la organización del psiquismo, siendo el cuerpo utilizado con frecuencia como principal vía de inscripción del malestar. Se concluye que la clínica psicoanalítica se presenta como una vía potente para la escucha de estos sujetos, permitiendo la simbolización del sufrimiento condensado en el cuerpo y favoreciendo la construcción de nuevos modos de subjetivación. Los hallazgos refuerzan la necesidad de prácticas clínicas sensibles a las intersecciones entre sujeto y cultura, contribuyendo al perfeccionamiento de las acciones terapéuticas frente a los desafíos impuestos por los trastornos alimentarios en la contemporaneidad.*

*Palabras clave: Trastornos alimentarios. Psicoanálisis. Narcisismo. Adolescencia. Cuerpo.*

## INTRODUÇÃO

A psicanálise, desde Freud, convida-nos a pensar o sujeito para além de suas manifestações imediatas, reconhecendo no sintoma uma via de expressão do inconsciente. Nesse sentido, os transtornos alimentares podem ser compreendidos não apenas como desordens ligadas ao corpo ou à alimentação em si, mas como modos singulares de dar forma a conflitos psíquicos, muitas vezes enraizados nas experiências mais precoces (Santiago, 2005) e, ao mesmo tempo, atravessados pelas exigências da cultura contemporânea (Birman, 2003; Sibilia, 2003).

Na contemporaneidade, os transtornos alimentares se apresentam como fenômenos cada vez mais frequentes, principalmente entre adolescentes e jovens, em um cenário marcado pela pressão estética, pelo culto à imagem corporal e pela aceleração dos laços sociais (Fiates; Salles, 2001; Brant et al., 2019). Esse contexto suscita questionamentos sobre a forma como os ideais culturais atravessam a constituição psíquica e encontram no corpo um lugar privilegiado de inscrição do sofrimento. É fundamental refletir sobre o tema não apenas por sua atualidade e impacto social, mas também pela necessidade de aprofundar a compreensão clínica desses sintomas à luz da psicanálise, de modo a ampliar as possibilidades de intervenção e escuta.

Diante disso, este artigo tem como objetivo compreender de que forma os transtornos alimentares se constituem na contemporaneidade a partir de uma perspectiva psicanalítica. Para alcançar esse objetivo, o trabalho percorre, em um primeiro momento, aspectos da cultura e do sujeito na pós-modernidade, destacando seus efeitos na constituição psíquica. Em seguida, são apresentados alguns elementos teóricos que relacionam a psicanálise aos transtornos alimentares, considerando o corpo, a relação com a alteridade e os atravessamentos culturais. Por fim, busca-se discutir os desafios e os limites da clínica psicanalítica diante dessas manifestações.

O presente estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão narrativa, modalidade de estudo que possibilita a síntese de produções relevantes sobre determinado tema, sem o rigor metodológico exigido pelas revisões sistemáticas (Cordeiro et al., 2007). Assim, fundamenta-se em textos psicanalíticos clássicos e contemporâneos, bem como em produções que articulam psicanálise, cultura e transtornos alimentares.

A busca bibliográfica foi realizada entre março e novembro de 2025 nas bases PubMed, SciELO e Google Acadêmico, utilizando descritores relacionados a transtornos alimentares, psicanálise, corpo, narcisismo, adolescência e contemporaneidade. Além dos artigos científicos encontrados, foram incluídas obras clássicas e contemporâneas da psicanálise consideradas relevantes para a compreensão dos processos subjetivos implicados nos padecimentos alimentares.

A seleção dos autores ocorreu a partir de sua contribuição teórica para a compreensão dos processos subjetivos implicados nos transtornos alimentares. Foram priorizados autores clássicos da psicanálise, especialmente Freud e Winnicott, em razão de suas contribuições acerca da constituição do sujeito, do desenvolvimento emocional primitivo, das relações objetais e da formação dos sintomas. Além disso, foram incluídos autores contemporâneos que discutem as transformações socioculturais atuais, os ideais de corpo, o narcisismo e os modos de sofrimento característicos da contemporaneidade, temas considerados fundamentais para a compreensão dos padecimentos alimentares na atualidade. Por se tratar de uma revisão narrativa, não foram adotados critérios rígidos de exclusão, priorizando-se obras amplamente reconhecidas no campo psicanalítico e produções que estabelecem interlocução com o tema dos transtornos alimentares.

Durante o processo de leitura e análise do material, foram identificadas recorrências temáticas que permitiram organizar a discussão em três eixos centrais: os atravessamentos da

contemporaneidade na constituição dos padecimentos alimentares, o lugar do objeto comida na constituição psíquica do sujeito e os desafios do manejo clínico psicanalítico. Esses eixos não foram definidos previamente, mas emergiram da convergência dos temas mais frequentes encontrados na literatura analisada, servindo como organizadores teóricos do presente estudo. Os eixos identificados mostraram-se coerentes com o próprio conjunto de autores selecionados, contemplando discussões sobre contemporaneidade e cultura, a constituição da relação sujeito-alimento e os desafios da clínica psicanalítica dos transtornos alimentares.

Dessa forma, refletir sobre os transtornos alimentares sob a ótica psicanalítica possibilita ampliar a compreensão acerca das formas de sofrimento que se expressam no corpo, resgatando a dimensão simbólica e relacional implicada nesses fenômenos. Ao articular aspectos subjetivos e culturais, busca-se evidenciar como o alimento e o corpo se tornam lugares de inscrição do desejo, da falta e do mal-estar característico da contemporaneidade.

### CONTEMPORANEIDADE E PADECIMENTOS ALIMENTARES

A análise da literatura consultada evidenciou a recorrência de discussões acerca das transformações socioculturais contemporâneas e de seus efeitos sobre a constituição subjetiva. A partir dessa constatação, este primeiro eixo temático busca compreender de que maneira os ideais culturais contemporâneos participam da formação e da manutenção dos padecimentos alimentares.

Vive-se em uma era marcada por transformações sociais, culturais e tecnológicas que moldam a forma como os indivíduos se relacionam consigo mesmos e com o mundo ao seu redor. Segundo Bauman (2001), estamos passando pelo que é chamado de “modernidade líquida”, caracterizada pela instabilidade, pela fluidez das relações, pela hipertrofia da imagem e pela insegurança em diversos aspectos da vida, condição que impacta diretamente a subjetividade e a constituição do sujeito na contemporaneidade, conforme enfatizam autores da psicanálise contemporânea (Miller, 2012; Green, 2015).

No cenário contemporâneo, a função alimentar tem sido atravessada por múltiplas determinações sociais, culturais e psíquicas (Fiates; Salles, 2001; Alvarenga; Philippi, 2004). Com o declínio das grandes narrativas e das estruturas simbólicas tradicionais, a pós-modernidade produziu um ambiente em que os ideais de desempenho, produtividade e satisfação imediata moldam as relações dos sujeitos consigo mesmos, com o corpo e com o outro (Fiates; Salles, 2001; Sibilia, 2003). Nesse contexto, articulando essas constatações, pondera-se sobre como os transtornos alimentares emergem não apenas como quadros psicopatológicos individuais, mas como sintomas de uma cultura marcada pelo excesso, pelo esvaziamento simbólico e pela idealização de um corpo perfeito (Fiates; Salles, 2001; Sibilia, 2003).

Segundo Bauman (2001), a contemporaneidade caracteriza-se pela fluidez das relações, pela instabilidade dos referenciais e pela constante exigência de adaptação às rápidas transformações sociais, cenário que produz importantes repercussões sobre a constituição subjetiva dos indivíduos. Essa condição contribui para o surgimento de um eu inseguro que, como aponta Lasch (1987), busca estabilidade e validação em padrões externos, especialmente na imagem e na aparência corporal. As transformações sociais descritas por Lasch — da produção em massa à comunicação e ao consumo de massa — estimulam uma vida marcada pela superficialidade, pela ansiedade e pela competição, incentivando o investimento exagerado no corpo e em sua apresentação social.

Complementando, Debord (1997) descreve a sociedade do espetáculo, em que a relação social é mediada por imagens, e o “parecer” substitui o “ter”. Essa lógica está presente nas redes sociais, nas selfies, nos reality shows e em outras formas de exposição do cotidiano. Bucci e Kehl reforçam que a espetacularização da imagem transforma indivíduos em plateia ou consumidores da subjetividade alheia. Novaes (2010) acrescenta que a corpolatria,

associada à tríade juventude-beleza-magreza, configura uma exigência moral, produzindo sofrimento, estereótipos e exclusão social.

Do ponto de vista psicanalítico, o sintoma no corpo pode ser compreendido como expressão de um mal-estar que atravessa tanto o sujeito quanto o laço social, articulando experiências precoces de vinculação e inscrição do desejo com as exigências da cultura contemporânea (Birman, 2003). O corpo torna-se, assim, palco privilegiado do mal-estar contemporâneo, registrando tensões entre o ser e o ter, além de refletir pressões sociais e culturais.

A anorexia, a bulimia e os quadros compulsivos revelam o impasse entre o corpo vivido e o corpo idealizado, entre o desejo e a norma, entre o gozo e a interdição (Santiago, 2005; Aulagnier, 1990). Para além de distúrbios nutricionais, os transtornos alimentares revelam modalidades de sofrimento construídas em articulação com experiências precoces de cuidado, relações objetais primordiais e formas de inscrição do desejo no psiquismo do sujeito (Winnicott, 1983). Não se trata apenas de comer ou deixar de comer, mas de atos que condensam angústias, conflitos e tentativas de regulação do afeto por meio do corpo, refletindo o impacto da sociedade contemporânea sobre a subjetividade.

Considerando essa temática no cenário adolescente, na tentativa de assimilar as transformações do corpo e descobrir sua sexualidade, muitos adolescentes elegem a comida como representante de seus afetos e angústias e como única solução possível para seus conflitos (Fiates; Salles, 2001). Além disso, percebe-se que os transtornos alimentares, especialmente a anorexia e a bulimia, aparecem com maior frequência entre mulheres jovens, atravessadas pela pressão estética de um corpo surreal, vendido como ideal pelas redes sociais, pelos programas de televisão e pela indústria da beleza (Fiates; Salles, 2001). A cultura da performance estética e do corpo perfeito intensifica o sofrimento, transformando os transtornos alimentares em manifestações contemporâneas do mal-estar social e psíquico.

Ao longo da história, a alimentação sempre ocupou um lugar simbólico fundamental na constituição dos laços sociais e na relação do sujeito com o corpo e a cultura. Em diferentes sociedades, comer não se reduz a um ato biológico, mas envolve significações religiosas, afetivas e sociais que organizam pertencimento e diferença. Na contemporaneidade, essas referências tradicionais foram sendo substituídas por novos ideais midiáticos e de desempenho. O corpo passa a ser regido por lógicas de visibilidade e controle. Transformações culturais recentes envolvem a exposição crescente do corpo e do eu nas redes sociais, a valorização da visibilidade e do desempenho e a imposição de padrões estéticos difundidos pela mídia, pela indústria da beleza e pela cultura fitness. O corpo passa a ser visto como um projeto a ser aperfeiçoado, central na validação social e na regulação da autoestima (Fiates; Salles, 2001; Orbach, 2002; Sibilia, 2003).

Fica claro, a partir de tais considerações, o quanto é possível conectar essas transformações culturais à compreensão dos padecimentos alimentares, considerando sua etiologia e seus fatores desencadeantes (Fiates; Salles, 2001; Alvarenga; Philippi, 2004). O culto ao corpo tem contribuído para a maior incidência de padecimentos alimentares na contemporaneidade. Nos dias atuais, o caráter epidêmico desses transtornos leva muitos psicanalistas a se concentrarem no estudo de sua etiologia, questionando se tais manifestações constituem as novas patologias do século XXI ou se são sintomatologias históricas de outros tempos, apenas com denominações e indícios diferentes (Brant et al., 2019). A contemporaneidade tem sido marcada pelo hiperinvestimento no corpo e pela busca por estar dentro dos padrões impostos pela sociedade, devido à promoção de um ideal de beleza fixado culturalmente (Orbach, 2002). Por essa razão, torna-se cada vez maior a quantidade de pessoas insatisfeitas com a forma e o peso corporal, o que tem fomentado a incidência dos transtornos alimentares (TAs). Nesse sentido, os TAs, como, por exemplo, a anorexia e a bulimia, configuram-se como “psicopatologias da contemporaneidade” e têm sido frequentemente discutidos no campo psicanalítico.

A compreensão sobre os transtornos alimentares não é única dentro das diferentes perspectivas psicanalíticas. Há autores que reconhecem os transtornos alimentares como manifestações históricas contemporâneas (Bruch, 1974; Jeammet, 2003). Resgatando a perspectiva freudiana sobre a histeria, tem-se que um dos grandes legados deixados por Sigmund Freud (1856-1939) foi o estudo das neuroses, que se referem a uma maneira de o organismo psíquico se defender de conflitos que não foram passíveis de sofrer total recalcamiento (Freud, 1995; Nasio, 1991). Entre as neuroses, destaca-se a histeria de conversão, na qual o sintoma se dá no campo somático, fortemente relacionado a um valor simbólico (Bruch, 1974). Além disso, psicanalistas atribuem algumas motivações para o caráter epidêmico dos TAs no contexto social atual, como o culto ao corpo, os rearranjos familiares, as novas configurações de gênero e as mudanças na relação mãe-filha (Santiago, 2005).

De modo geral, percebe-se uma ampliação importante nos estudos psicanalíticos sobre os transtornos alimentares, para além de uma compreensão histórica em si, apontando para dificuldades nos laços mais precoces da relação materna e seus desdobramentos, especialmente na adolescência (Bruch, 1974; Jeammet, 2003). Nas contribuições teóricas psicanalíticas, muitas se apoiam no que Freud (2010), em *Introdução ao narcisismo*, elaborou sobre o conceito de narcisismo, que posteriormente foi relacionado aos padecimentos alimentares por autores contemporâneos. Assim, compreende-se que tais manifestações podem ser pensadas como próprias deste tempo, marcado pelo narcisismo e pela cultura da imagem, no qual se observa um hiperinvestimento no corpo e sofrimento decorrente da fragmentação identitária (Jeammet, 1999). Nesse cenário, os transtornos alimentares contemporâneos podem ser compreendidos como expressão do mal-estar psíquico e social, refletindo o conflito entre pulsões, normas culturais e a exigência de performance do corpo, conforme destaca Birman (2003), ao afirmar que o corpo é o palco privilegiado das inscrições do mal-estar contemporâneo, registrando angústias, tensões e demandas sociais. Algumas vertentes psicanalíticas buscam explicar a etiologia desses transtornos a partir de falhas no registro pré-edípico, com implicações na relação mãe-filha e em sua passagem pelas etapas edípicas, considerando também as influências histórico-culturais (Aulagnier, 1990; Santiago, 2005).

#### **LUGAR DO OBJETO COMIDA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PSÍQUICO A PARTIR DA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

Um segundo conjunto de produções analisadas concentrou-se na compreensão da função simbólica do alimento e de sua participação na constituição psíquica do sujeito. A recorrência desse tema na literatura justificou sua organização como eixo específico de discussão.

A partir dessas reflexões, é relevante articular essas considerações sobre a etiologia dos transtornos alimentares com a função do alimento na constituição do sujeito psíquico. O alimento ocupa um lugar central no desenvolvimento humano, constituindo-se como uma experiência multifatorial que vai além de sua dimensão biológica. Ele se entrelaça a fatores psicológicos, sociais e culturais, inserindo-se, desde os primeiros momentos da vida, como um mediador da relação entre o bebê e o ambiente.

Essas ponderações sobre a relação entre alimentação e constituição psíquica estão presentes desde as escolas clássicas da psicanálise, mas com ênfases diferentes. Em Freud (1996), isso fica claro em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, em que, ao descrever a teoria do autoerotismo, aponta que a sexualidade nasce apoiada na pulsão de autoconservação. O ato de mamar é considerado por Freud como o protótipo do prazer e da primeira experiência de satisfação, funcionando como motor essencial na inauguração do psiquismo do bebê e na constituição da relação com o objeto primário.

Nessa direção, Freud (1996) aponta para a importância da oralidade como uma das primeiras zonas erógenas. O alimento, enquanto objeto, assume funções fundamentais na

constituição do psiquismo, não apenas como satisfação de necessidades, mas como experiência de investimento libidinal.

Winnicott (2000) amplia essa compreensão ao enfatizar o caráter relacional e simbólico do alimento. Para ele, a amamentação não se limita à nutrição biológica: o leite materno e o ato de alimentar funcionam como suporte para a constituição do self, na medida em que oferecem experiências de satisfação, acolhimento e contenção. O bebê, ao ser alimentado, internaliza uma sensação de continuidade e integridade psíquica, processo que Freud abordava de forma mais limitada. Assim, enquanto Freud destaca a dimensão pulsional e biológica da primeira mamada, Winnicott introduz a dimensão relacional, mostrando que o alimento é também mediador do vínculo afetivo e da construção do self.

Winnicott (2000), ao pensar de forma bastante significativa o efeito dos primeiros cuidados na vida psíquica do bebê, entende que, por meio do exercício da função materna primária — desempenhada por quem ele descreve como uma mãe suficientemente boa —, existe a possibilidade de simbolização e de introjeção desse objeto primário. Quando o bebê recebe alimento junto a uma presença suficientemente boa, não apenas ingere, mas introjeta amor, cuidado e reconhecimento, elementos essenciais para a constituição do self (Winnicott, 2000).

Entretanto, falhas nesse processo podem gerar dificuldades na constituição subjetiva. Quando o alimento é ofertado de forma desvinculada da presença afetiva ou em excesso, ele pode tornar-se uma experiência esvaziada, marcada pela ausência de sentido e de simbolização. Nesse caso, o comer perde sua função de mediador relacional e passa a ser vivido apenas como satisfação de uma necessidade biológica imediata, o que pode ter desdobramentos importantes no desenvolvimento psíquico (Winnicott, 2000).

A metapsicologia psicanalítica contribui, ainda, para compreender a função alimentar como experiência constitutiva do sujeito. Desde os textos freudianos, a alimentação aparece ligada à satisfação pulsional e à relação com o outro, funcionando como via de inscrição psíquica dos primeiros afetos (Freud, 1996). Quando a função alimentar se encontra comprometida, emergem distúrbios na relação do sujeito com o corpo e com os objetos, revelando falhas nos processos de simbolização. A alimentação, nesse sentido, não é apenas um ato biológico, mas um campo privilegiado para a atualização dos vínculos primários e para a elaboração de experiências traumáticas (Abraham; Torok, 1995; Gurfinkel, 2011). Tal perspectiva reforça a centralidade da clínica psicanalítica na escuta do sofrimento alimentar, uma vez que possibilita transformar a compulsão ou a restrição em linguagem, promovendo a simbolização e novas formas de laço com o outro.

Dessa forma, investigar o papel do alimento na constituição do sujeito psíquico a partir da psicanálise implica reconhecer sua complexidade: a comida, enquanto objeto psíquico, não é apenas nutriente, mas um mediador entre corpo, psique, cultura e simbolismo, fundamental na formação dos laços afetivos primários, na experiência de cuidado, na inscrição do sujeito no campo do desejo e da linguagem e na internalização de limites e prazer. Ela constitui-se em elemento central na organização da subjetividade, permitindo compreender como dificuldades na relação com o alimento podem refletir conflitos precoces, repercutindo em transtornos alimentares na adolescência e na vida adulta.

Até aqui, ficaram evidentes os efeitos intrapsíquicos daquilo que se passa no campo intersubjetivo. Para além disso, entende-se que outra reflexão cabível nesse cenário diz respeito à constatação de que o alimento tem em si atravessamentos culturais inegáveis. Isso fica claro porque, além de seu papel nas experiências primárias de cuidado, o alimento ocupa um lugar simbólico privilegiado na cultura e na religião, sendo frequentemente ritualizado como forma de marcar pertencimento, celebrar acontecimentos ou expressar devoção (Levi-Strauss, 1969; Douglas, 1966). Em muitas tradições, desde jejuns e oferendas até festas de passagem, a ingestão ou a restrição de determinados alimentos carregam significados que ultrapassam

a nutrição, permitindo que sentimentos, valores e conflitos sejam externalizados e experimentados no corpo. Nesse sentido, a alimentação pode se tornar um palco de manifestações psíquicas, no qual desejos, ansiedades e fantasias encontram expressão simbólica — seja no excesso, na privação ou na ritualização alimentar —, funcionando como um canal de elaboração emocional e social (Jeammet, 2003; Orbach, 2002).

Nesse cenário, um exemplo dessa articulação é o fato de que, na tradição judaica, o Yom Kipur é um dia de jejum que simboliza arrependimento e purificação espiritual. A privação alimentar, nesse contexto, não é apenas física, mas carrega um profundo significado simbólico, representando a purificação da alma e a renovação espiritual (Douglas, 1966). Similarmente, em diversas culturas indígenas, a alimentação ritualizada em festas de passagem ou cerimônias de cura serve como meio de conexão com o sagrado, expressão de identidade e elaboração de conflitos internos (Levi-Strauss, 1969).

Assim, o alimento pode assumir tanto a posição de objeto simbólico, capaz de organizar e estruturar o sujeito em sua relação com o outro, quanto a de objeto de substituição, que tenta preencher falhas no campo do desejo. Segundo Green (1988), em situações em que o objeto primário não se deixa apagar e a pulsão não encontra um canal de simbolização, o sujeito recorre a formas de descarga pulsional que não produzem simbolização. Nessa perspectiva, no contexto dos transtornos alimentares, o alimento pode funcionar como um objeto de substituição ou refúgio frente à angústia, operando analogicamente como uma “droga” que anestesia a dor psíquica, sem, entretanto, gerar elaboração simbólica. Essa interpretação permite compreender como o ato de comer ou de se privar de comida pode expressar o mal-estar psíquico de forma direta, sem passar pela mediação simbólica, aproximando-se da lógica do *acting out*.

A questão dos distúrbios alimentares, nesse sentido, possui uma longa e rica tradição. Em praticamente todas as sociedades humanas, as práticas alimentares são reguladas por normas complexas que definem o que pode ou não ser ingerido, atribuindo aos alimentos valores morais, éticos e religiosos (Douglas, 1966; Levi-Strauss, 1969). Além disso, cada sociedade constrói concepções próprias sobre o corpo e o ideal de beleza, que variam historicamente. No Ocidente contemporâneo, predomina a valorização do corpo magro, longilíneo e jovem, sustentada por uma poderosa indústria cultural que, articulada à mídia e a discursos biomédicos sobre saúde, difunde padrões inatingíveis (Bordo, 1993; Orbach, 2002). Esses ideais, associados à moralização da alimentação e ao medo da gordura, criam condições propícias para o surgimento de sintomas psíquicos expressos nas anorexias, bulimias e compulsões. Na clínica psicanalítica, observa-se como tais ideais corporais atravessam os sujeitos, intensificando sofrimentos relacionados à imagem corporal e ao envelhecimento (Jeammet, 2003; Bucci; Kehl, 2004).

#### TÉCNICA E MANEJO CLÍNICO NA PSICANÁLISE DOS TRANSTORNOS ALIMENTARES

Por fim, a literatura revisada apontou, de forma consistente, para os desafios do manejo clínico dos transtornos alimentares no campo psicanalítico. Em razão da relevância dessa temática para a prática clínica, constituiu-se um terceiro eixo de análise voltado às especificidades da escuta, da transferência e das intervenções possíveis nesses casos.

O manejo clínico na psicanálise dos transtornos alimentares representa um grande desafio para a clínica psicanalítica contemporânea. A relação do paciente com o analista apresenta-se frequentemente ambivalente, de maneira semelhante à relação com a comida: ora rechaçada, ora devorada; amada e odiada; buscada e abandonada (Gurfinkel, 2005; Pinheiro; Faria, 2015). Essa ambivalência dificulta o estabelecimento de um enquadre estável, fundamental para a realização de um trabalho analítico consistente, especialmente diante de situações de risco físico, como a falência orgânica, que demandam atenção médica urgente (Pinheiro; Faria, 2015).

Clinicamente, o momento de aplicar técnicas ativas depende da demanda, do sofrimento do paciente e da escuta do analista. Não se busca eliminar o sintoma de forma radical, uma vez que ele organiza o psiquismo ao longo da vida e concentra significativa carga de energia psíquica e significados condensados. Nesse sentido, a compulsão alimentar, por exemplo, expressa vivências dolorosas que não são compreendidas pelo paciente, embora também possa ser abordada como uma problemática em si e deva ser compreendida não só como sintoma, mas com todos os seus conflitos subjacentes (Gurfinkel, 2005; Rinaldi, 2007).

A psicanálise oferece, nesse contexto, possibilidades de reconstrução da narrativa do paciente, permitindo que fragmentos de memória sejam integrados, criando sentido e potencializando a atividade psíquica em detrimento das modalidades defensivas compulsivas (Herrmann, 2010; Gurfinkel, 2011). Esse processo coloca em evidência a complexidade da problemática alimentar, que mobiliza questões centrais da teoria psicanalítica: qual é a psicopatologia dos sintomas alimentares? Seriam eles expressão da neurose, da psicose ou da perversão? Que lugar ocupam a oralidade infantil, o narcisismo, as vicissitudes do autoerotismo, bem como a construção do corpo erógeno e do erotismo feminino? Além das questões estruturais, somam-se fatores familiares, culturais e sociais, como a pressão da mídia e da moda na imposição de ideais inatingíveis de corpo perfeito. Garrido (2022), em sua revisão de literatura, evidencia, ainda, a dificuldade de articular o método psicanalítico às equipes multidisciplinares, o que torna a integração dos cuidados uma tarefa desafiadora, porém necessária. Há consenso de que pacientes com transtornos alimentares, especialmente em quadros graves de anorexia e bulimia, demandam acompanhamento por equipes multidisciplinares. Dessa forma, a indicação terapêutica requer investigação detalhada, contemplando tanto os aspectos psíquicos quanto as repercussões orgânicas e nutricionais associadas ao quadro clínico.

A incorporação, enquanto tentativa de conservar o objeto dentro de si, pode bloquear os processos introjetivos, aprisionando o sujeito em um estado de não mudança. Nessa dinâmica, a impulsividade se faz presente, mantendo o indivíduo preso a um objeto escravizador e à invasão mortífera, o que conduz a uma estagnação dos recursos egoicos. Gurfinkel (2011) descreve que a saída aditiva funciona como via alternativa para substituir a relação com o objeto, onde esta fracassou, reagindo defensivamente ao estado de dependência. A comida, nesse contexto, passa a ser utilizada repetidamente como recurso de contenção do sofrimento, mas acaba por reforçar angústias primitivas de aniquilação e intrusão. Para Miranda (2007), pacientes com transtornos alimentares são sujeitos “não nascidos na linguagem metafórica”, que utilizam o corpo como um “diário de uma tragédia” já acontecida. Abraham e Torok (1995) reforçam que, para que haja introjeção, é necessário operar uma passagem pela linguagem: introjetar um desejo, uma dor ou uma situação é fazê-los passar pela simbolização. O analista, nesse processo, torna-se facilitador da simbolização, aquele que pode acolher a “palavra semente calada”, incubando significados que poderão germinar em uma temporalidade própria ao sujeito.

Outro ponto central do manejo é a relação transferencial. O analista é convocado a sustentar uma posição de maleabilidade, regulando proximidade e distância, presença e ausência, implicação e reserva (Herrmann, 2010). A comida, muitas vezes, é eleita como companheira e vilã ao mesmo tempo, funcionando como suporte para lidar com sentimentos de tristeza, solidão e angústia, mas também suscitando voracidade, culpa e negação das mudanças corporais. A escuta psicanalítica, nesse campo, deve abrir vias de pensamento interditas, favorecendo o acesso à dor e ao sofrimento que se encontram condensados no corpo.

A técnica psicanalítica, portanto, busca promover ligações entre repetições. O que estava marcado no corpo, sem representação simbólica, pode adquirir significação por meio da linguagem e das associações (Rinaldi, 2007; Herrmann, 2010). Nesse processo, o paciente passa a construir seu lugar de sujeito, possibilitando novos sentidos para experiências antes não simbolizadas.

Winnicott (1990) contribui para esse campo ao propor o conceito de *holding*, originalmente descrito na relação mãe-bebê, mas aplicável também à clínica psicanalítica. Esse acolhimento permite que o paciente perceba suas fragilidades e se sinta sustentado sem ser violentado por interpretações prematuras. Um *holding* suficientemente bom pode funcionar como provisão ambiental, sustentando a continuidade de ser do paciente, permitindo o alívio do sofrimento e a integração de experiências dissociadas, além de potencializar recursos criativos.

Em síntese, o manejo clínico em psicanálise dos transtornos alimentares exige escuta profunda, flexibilidade técnica e atenção cuidadosa às dimensões somáticas, psíquicas e sociais que atravessam o sujeito. A clínica constitui-se, assim, como espaço privilegiado para transformar experiências dolorosas em significados psíquicos, respeitando a singularidade de cada paciente e favorecendo a construção de novos modos de subjetivação.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas neste estudo evidenciam que os transtornos alimentares constituem fenômenos multifacetados, atravessados por fatores psíquicos, sociais e culturais que se articulam de maneira complexa na constituição do sujeito na contemporaneidade. Diferentes compreensões psicanalíticas (Fiates; Salles, 2001; Sibilia, 2003; Orbach, 2002) apontam para o entendimento de que o sintoma alimentar não se reduz a um problema nutricional ou médico, mas revela modos singulares de expressão de conflitos internos, frequentemente enraizados em experiências precoces de cuidado, vinculação e inscrição do desejo. Para além disso, o sintoma alimentar relaciona-se com ideais culturais de corpo, estética e desempenho social, intensificados pela lógica da modernidade líquida e pela pressão de padrões inatingíveis.

A função do alimento, nesse contexto, ultrapassa sua dimensão biológica, assumindo papel simbólico e mediador na relação entre o sujeito e o outro, bem como na organização do psiquismo. Ele se apresenta como veículo de prazer, necessidade, regulação afetiva e simbolização, permitindo que experiências afetivas e conflitos internos sejam elaborados de forma psíquica (Winnicott, 2000; Freud, 1996; Abraham; Torok, 1995). Frente a isso, entende-se que, quando a relação com o alimento se encontra comprometida, seja por falhas nas experiências precoces de cuidado ou pela internalização de padrões culturais rígidos, surgem manifestações como anorexia, bulimia ou compulsões, que funcionam simultaneamente como tentativa de controle, expressão de sofrimento e regulação do afeto, evidenciando a centralidade do corpo na constituição subjetiva (Gurfinkel, 2011; Santiago, 2005).

Nesse sentido, a clínica psicanalítica apresenta-se como espaço privilegiado para a escuta do sofrimento alimentar, possibilitando transformar experiências dolorosas, muitas vezes condensadas no corpo, em linguagem e simbolização. A escuta analítica, atenta aos vínculos transferenciais, à flexibilidade técnica e ao manejo cuidadoso das dimensões psíquicas e somáticas, favorece a construção de novos significados e modos de subjetivação, oferecendo ao sujeito alternativas para lidar com sua relação com o corpo, a alimentação e o outro (Herrmann, 2010; Pinheiro; Faria, 2015; Rinaldi, 2007). Nesse cenário, a escuta psicanalítica mostra-se fundamental, pois permite acolher o mal-estar em sua complexidade, reconhecendo tanto suas raízes nas experiências precoces quanto os efeitos das exigências contemporâneas que marcam a vida psíquica (Alvarenga; Philippi, 2004; Brant et al., 2019).

Desde Freud, teoria e clínica tensionam-se continuamente, e o que mantém a psicanálise contemporânea é sua potência para refletir sobre os desafios dos tempos em questão. Sendo assim, espera-se, com este estudo, contribuir para uma maior compreensão dos atravessamentos contemporâneos na constituição dos sintomas alimentares e de seus impasses clínicos. Mais do que oferecer respostas prontas, a proposta é abrir espaço para refletir sobre como o sujeito, em diálogo constante com a cultura e com seus próprios ideais, encontra no corpo e na alimentação modos singulares de expressar seu sofrimento.

Ademais, este estudo evidencia que os transtornos alimentares devem ser compreendidos não apenas como manifestações individuais, mas também como indicadores das tensões entre sujeito e cultura. Ao refletir sobre o entrelaçamento entre experiências pessoais, pressões sociais, ideais estéticos e a construção do self, abre-se espaço para intervenções clínicas mais sensíveis, capazes de integrar história subjetiva, demandas contemporâneas e recursos terapêuticos. Nesse sentido, compreender o alimento como mediador da subjetividade e reconhecer as complexidades do sintoma alimentar permite que a psicanálise continue oferecendo contribuições essenciais para a compreensão e o manejo desses fenômenos, reforçando sua relevância frente às demandas contemporâneas e aos desafios éticos, clínicos e sociais que permeiam o cuidado de sujeitos em sofrimento.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, N.; TOROK, M. *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta, 1995.
- ALVARENGA, M. A.; PHILIPPI, S. T. (orgs.). *Transtornos alimentares: uma visão nutricional*. São Paulo: Manole, 2004.
- AULAGNIER, P. *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BIRMAN, J. *O corpo e o mal-estar contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- BORDO, S. *Unbearable weight: feminism, Western culture, and the body*. Berkeley: University of California Press, 1993.
- BRANT, L. C. et al. Prevalência e fatores associados aos transtornos alimentares: uma revisão recente. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 257-265, 2019.
- BRUCH, H. *Eating disorders: obesity, anorexia nervosa, and the person within*. New York: Basic Books, 1974.
- BUCCI, E.; KEHL, M. R. *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CORDEIRO, A. M. et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgias*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, p. 428-431, 2007.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DOUGLAS, M. *Purity and danger*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1966.
- FIATES, G. M. R.; SALLES, R. Fatores de risco para o desenvolvimento de distúrbios alimentares: um estudo em universitárias. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 14, n. 1, p. 3-19, 2001.
- FREUD, S. *Introdução ao narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV). (Publicado originalmente em 1914).
- FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 1). (Publicado originalmente em 1895).
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 7). (Publicado originalmente em 1905).
- GARRIDO, C. *A clínica dos transtornos alimentares na psicanálise: desafios e articulações*. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- GURFINKEL, D. *Clínica psicanalítica: compulsões e adições*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- GURFINKEL, D. *O sofrimento psíquico e as adições: clínica e metapsicologia*. São Paulo: Escuta, 2011.
- GREEN, A. *O objeto e o sintoma*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- GREEN, A. *O sujeito contemporâneo e a clínica psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- HERRMANN, F. *Psicanálise dos transtornos alimentares*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

- JEAMMET, P. *Adolescência e anorexia: contribuições da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- JEAMMET, P. *Transtornos alimentares: anorexia e bulimia na adolescência*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- LASCH, C. A. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LEVI-STRAUSS, C. *O cru e o cozido*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- MILLER, J. A. *Lacan contemporâneo: clínica e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- MIRANDA, M. *Anorexia, bulimia e a clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- NASIO, J. D. *O inconsciente freudiano*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- NOVAES, J. *Com que corpo eu vou? Sociabilidade e usos do corpo nas mulheres das camadas altas e populares*. Rio de Janeiro: PUCRio/Pallas, 2010.
- ORBACH, S. *Corpo para amar, corpo para sofrer*. São Paulo: Olho d'Água, 2002.
- PINHEIRO, F.; FARIA, C. *Anorexia e bulimia: clínica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2015.
- RINALDI, D. *Psicanálise da compulsão alimentar*. São Paulo: Escuta, 2007.
- SANTIAGO, R. *Formação subjetiva e alimentação: perspectivas psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.
- SIBILIA, P. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- WINNICOTT, D. W. A preocupação materna primária. In: WINNICOTT, D. W. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

Artigo recebido: 1º de dezembro de 2025

Artigo aceito: 23 de junho de 2026